Inglaterra

LEDE E PASSAE ADIANTE

NA BARRICADA

PERIODICO ANARQUISTA

ANO II — NUMERO 1

1 DE JANEIRO DE 1916

Toda a correspondencia para a
Caixa postal 1936, Rio de Janeiro, Brazil

ASSINATURAS
Brazil — ano 5$000 — Exterior — ano 7$000
Numero avulso 100 rs.

"NA BARRICADA"

Cumprindo a promessa feita em nossa segunda circular, recomeçamos hoje a obra que tomamos a peito levar por diante — a publicação deste periodico anarquista.

Bem sabemos as enormes dificuldades que nos esperam. Despidos de enganadoras ilusões, somos, no entanto, otimistas, e temos confiança na eficacia dos esforços sérios e tenazes.

Não só do nosso esforço, porém por maior que ele seja, dependem as possibilidades de exito de «Na Barricada»: mas de todos os anarquistas do Brazil em geral.

Si os camaradas, como nós, o julgam util á propaganda e, conseqüentemente, a auxiliam, ele viverá. Do contrario, não. Este grupo editor não póde comprometer-se a realizar impossiveis.

Em vista das excepcionaes condições do momento atual, procuramos reduzir as despezas de publicação de «Na Barricada» ao minimo. Diminuimos-lhe o formato. Em vez de semanal, d'ul-a emos, por emquanto, quinzenalmente.

Contavamos poder acumular, durante estes dois mezes de suspensão, um fundo de pelo menos um conto de réis. Pelo balanço noutra parte estampado, verifica-se que bem longe dessa quantia nos achamos. Assim, não nos responsabilizamos pela saida, cada semana, do periodico, como era de desejar. Sairá, pois, cada quinzena, até que a situação melhore. Os assinantes nada perderão, porque receberão os numeros equivalentes ás semanas contidas no tempo da assignatura.

Nós esperamos de todos os camaradas, de todos aquêles a quem a obra de «Na Barricada» parecer de utilidade, — de todos e de cada um nós esperamos uma ajuda constante, continuada e pertinaz.

Assinaturas, subscrições, rifas, festivaes, tombolas, etc., todos os meios são bons, são indispensaveis, para angariar donativos para o jornal, dando-lhe com que possa sustentar-se.

Obra de caráter coletivo, «Na Barricada» tem que viver do esforço coletivo.

Falamos franco, falamos claro. Ou bem que somos eficazmente auxiliados, e a publicação do periodico estará assegurada, ou bem que esse auxilio nos faltará e impossivel será assegural-a.

Não nos pouparemos esforços. Temos confiança e temos entuziasmo. Queremos trabalhar.

Aos anarquistas do Brazil compete agora acudir ao nosso apelo, secundando o nosso trabalho, ajudando-nos a manter este baluarte, esta bandeira, este facho!

A obra, camaradas!

O GRUPO EDITOR

Comentarios

Ano novo...

Ano novo: guerra velha... A guerra, com efeito, já entrou no rol da coisas normaes. Já acostumamos as narinas ao odor da sangueira. Os timpanos mais sensiveis já se abituaram ao fragor dos canhões. A guerra, tragedia maxima da historia da humanidade, é hoje um fato absolutamente secundario: qualquer assassinio na Favela ou o menor escandalo de rua lhe suplantam o lugar nas colunas da imprensa. Estamos cançados, fartos de chacina...

Como 1915, este 1916 passará provavelmente todo em sangue e em fogo. E pouco importa isso... Um ano mais, um ano menos... cinco milhões a mais ou a menos de mortos, de trucidados... que importa tudo isso?

Misero rebanho humano!

A grande obra

E' necessario guardar esta data: 26 de dezembro de 1915. Todos os jornaes, ao dia seguinte, trombetearam o grande feito. E o grande feito foi este: a votação pela Camara dos Deputados, da redação final do Codigo Civil brazileiro. A votação se fez em sessão extraordinaria e especial, assistindo á mesma grande numero de gente estranha ao Congresso, cidadãos conspicuos e damas de alta roda.

E' um fato consumado: estamos todos definitivamente, integralmente codificados. Podemos agora dormir tranquilos: a nossa vida se acha regulamentada tim-tim por tim-tim, desde a hora do nascimento até o instante fatal do ultimo suspiro.

Podemos dormir tranquilos. Convém, porém, não dormir nos bancos dos jardins, nem na soleira das portas: o guarda-civil,— apezar de fardado, ele é civil, como o Codigo—não o consentirá, a bem da moralidade publica. E' verdade que esses que dormem na rua o fazem porque não têm casa onde dormir. Mas que se enforquem, esses! O Codigo Civil não prohibe o suicidio...

A pilheria do fakir

Foi um dos grandes casos deste malfadado fim de ano.

E vale apena registral-o. Um dia a policia cercou o consultorio dum celebre «fakir de las Indias», levando-o para a delegacia do distrito, com o seu secretario, o porteiro e criado. Mas era tudo uma pilheria, uma reportagem sensacional, de cujo logro nem a policia escapou: o fakir não era fakir, era um reporter de *A Noite*, que durante quazi um mez passou como tal, levando a cabo um inquerito ousado e escandaloso.

Com efeito, nas tres semanas em que exerceu o oficio de feiticeiro de luxo, o falso Djoghi Harad foi consultado por mais de trezentas pessoas, a maioria das quaes pertencente ás mais altas camadas sociaes, politicos, medicos, comerciantes, grandes damas... Prova de que o numero dos tolos continúa a ser infinito e de que o verniz das posições elevadas não consegue apagar a insondavel estupidez dessa cambada.

Rifa em beneficio de "Na Barricada"

Todos quantos se interessam pela vida deste periodico devem adquirir bilhetes para esta rifa, a correr em 3 de março proximo, pela Loteria da Capital Federal.

"El Hombre y la Tierra"

a importante obra de Eliseu Réclus, em 6 grossos volumes magnificamente encadernados, será o premio desta rifa.

Cada bilhete com 2 numeros, custa apenas 1$000

Sobre o sorteio

A aplicação da lei do sorteio militar representará uma afronta lançada á face do povo; constituirá uma vitoria do Estado: prejuizo, pois, para os individuos, já que o desenvolvimento daquele é o resultado da coreação da liberdade destes.

Porque, raciocinemos desapaixonadamente.

Que utilidade trará a referida lei?

Regeneração do carater? levantamento do nivel moral do povo? integridade do sólo? unidade nacional? Balélas... Sinão, vejamos.

Todas as lutas humanas, desde as primitivas éras até á epoca atual, têm sido sempre em pról da liberdade; e são de senso comum as seguintes proposições: a felicidade é proporcional ao grau de liberdade; onde existe liberdade reina a solidariedade, a camaradagem; a escravidão produzindo senhores e escravos, amos e servos, privilegiados e desherdados, engendra a prepotencia e a soberba nos de cima, e odio e inveja nos de baixo: desharmonia, desunião.

Do exposto se destaca por si mesma a seguinte conclusão: todas as instituições que teem por fundamento a opressão, o mando, a obediencia — fatôres do odio, do descontentamento, do mal-estar — constituem obstaculo á marcha da felicidade, que se mede pela soma de solidariedade existente entre os homens.

Agora uma pergunta: será o exercito escola de igualdade? De maneira nenhuma. Basta sómente examinarmos a sua engrenagem, para lhe negarmos o carater de igualdade que lhe querem atribuir.

A principal virtude de um soldado é, como sabemos, a obediencia: a obediencia sem analise, sem exame, sem discussão — passiva e animalescamente.

Ora, isso é reconhecidamente um mal. Para os que desejam a emancipação do individuo, está claro.

Si o homem ocupa atualmente o mais alto logar na escala zoologica, é devido á sua inteligencia.

E essa inteligencia, como a adquiriu e desenvolveu ele?

Pela observação, pela analise, pela critica, por meio das ações.

Ora, a disciplina não admite exame, nem iniciativas. Impede, portanto, as naturaes eclosões das idéas, cristalisando-as, estagnando-as, entravando dessa maneira o progresso.

Não quer isto dizer que sejamos amantes da desordem, por sermos adversarios da disciplina. Não; embora seja este o criterio comum.

Si somos inimigos da disciplina — que vem a ser a ordem artificial, obtida pelo constrangimento, pela coerção do individuo — é porque somos apologistas da verdadeira ordem, a unica aceitavel, que é o equilibrio resultante das relações livres entre os homens, das influencias naturaes que uns exercem sobre outros.

Mas o que existe no exercito, e constitue mesmo a sua base, é a disciplina: a disciplina que sufoca, que asfixia, que estrangula... O regimen que divide os homens em mandões e servos em vez de os congraçar fraternalmente pelos laços da solidariedade.

Sendo assim, si na verdade a vida caserneira é baseada no tão comum quanto nocivo sistema de hierarquia, de nenhum modo poderá constituir a escola da igualdade, conforme hipocritamente supõe um poeta que, em vez de se enobrecer na luta pela emancipação da humanidade, prefére rastejar servilmente diante dos malfasejos opressôres do povo.

A. D.

A organisação operaria e o nacionalismo

Tese apresentada ao Congresso Internacional da Paz

As ciencias ensinam-nos que a organisação da sociedade deve partir do simples para o composto, isto é, do individuo para a colletividade.

Por outra parte, a concepção racional e cientiáca do Universo mostra-nos a infinita amplidão de vistas, com a qual devemos encarar a vida de relação.

Entre um e outro principio residem as bases normaes, justas e armoniosas da associação, constituidas pela afinidade e a solidariedade.

Estes principios são os que deveriam ter servido de norma á organisação operaria; mas, apesar das luminosas idéias de respeito á dignidade individual, de solidariedade do proletariado universal, espostas nos diversos congressos da Associação Internacional dos Trabalhadores, onde se resolveram, de uma fórma definida e magistral, os magnos problemas relativos a emancipação economica, social, intellectual e moral do proletariado e da humanidade, a organisação operaria continuou, como d'antes, a desenhar-se sob o cliché da estrutura politica burgueza, tomando como limites o municipio, a provincia de nação, mantendo-se municipalista, provincialista e nacionalista.

E assim temos federações operarias que ostentam titulos nacionalistas, como por exemplo a União Operaria Nacional de Portugal, a «Federación Obrera Regional Argentina,» a Confederação Operaria Brasileira, a «Unione Sindicale Italiana» etc.; e, para não alongar-me demasiado, terminarei mencionando a Associação Internacional dos Trabalhadores, cuja denominação significa a união dos trabalhadores das diversas nações, pelo qual se reconhece a existencia e o principio das nacionalidades.

Como os trabalhadores mantiveram as suas organisações nos moldes localistas e patrioticos, continuaram a ver nos seus companheiros de alem fronteira os eternos inimigos e estrangeiros.

O tipo de organisação adotado foi, e ainda é, ecelente para a praticidade das doutrinas dos grandes teoricos e organisadores do socialismo de Estado, entre os quaes se distinguem Marx, Engels Oen, etc.

Em virtude de que o seu principal escopo era a conquista do poder, necessitavam uma organisação eminentemente nacionalista, patriotica e «campanilista.»

A propaganda dos grandes principios de solidariedade dos trabalhadores de todo o mundo era feita por veleidade idealistica e como um meio ecelente para aumentar o seu prestigio, atrair para o seio da Social Democracia os proletarios de todos os paizes, afim de constituir grandes estados como os projetados Estados Unidos da Europa.

Era uma habil ação imperialista, por vias indiretas.

E', favorecida por uma organisação operaria calcada nos moldes do regimen vigente, que a Social Democracia embarga o animo das classes trabalhadoras desviando-as da ação direta e revolucionaria contra as instituições burguezas, conduzindo-as aos colegios eleitoraes, para elegerem caudilhos que os representem nos parlamentos burguezes, formando parte do organismo politico e social do inimigo, realisando, deixem-me repetir, a colaboração de classe, robustecendo os Estados com o poderoso concurso das formi-

Grupo de Propaganda ANARQUISTA NITEROY

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

daveis energias prestadas pelas multidões desherdadas e famintas.

Nestas tristes condições em que o operariado passava com armas e bagagens, até bagagens doutrinarias e ideologicas, para o exercito capitalista, apenas ficaram alguns elementos subversivos para promoverem a revulução, mas impossibitados de realizal a, porque os trabalhadores militantes que deviam ser a força viva dessa revolução, depois de haverem iniciado a sua participação na vida publica e politica dos Estados, proclamada e aceita a sua soberania e aparente incorporação á sociedade burgueza, nenhum motivo os podia levar a levantarem barricadas contra os esploradores e tiranos.

Convencido da ineficacia da ação legal, para a luta emancipadora, o proletariado mais conciente adotou uma nova fórma de organisação, livre da influencia de outras classes, como a dos politicos e a dos pequenos proprietarios, afim de afastar do movimento o confusionismo e a ação multiplique o vinha embaraçando.

Mas esta nova organisação manteve-se, com pequenas modificações, nas normas das organisações anteriores.

Ela, o sindicalismo, oscila hoje entre a ação politica, e a ação direta, sem desviar-se da tendencia corporativita.

Na atualidade, os partidos socialistas de Estado, e os sindicatos operarios alcançaram um progresso admiravel no terreno politico. Por centenas se contam os seus representantes nos parlamentos nacionaes e nas camaras municipaes. A muitos milhões ascende o numero de filiados a esses organismos, que conquistaram algumas aparentes melhoras economicas e fizeram-se reconhecer pelos Estados burguezes. Até subvenções dos governos teem conseguido, mormente as Camaras ou Bolsas do Trabalho.

Dir-se ia que o operariado havia chegado a dominar a besta capitalista, reduzindo-a á impotencia.

Todo o mundo acreditava que os governos, antes de se lançarem ao campo das aventuras imperialistas ou guerreiras, haviam de contar com uma força bastante formidavel capaz de pulverizar os seus tenebrosos planos, e fazer ruir por terra as vetustas instituições da escravidão e do privilegio.

As eloquentes declarações dos congressos socialistas, sindicalistas e anarquistas não deixavam lugar a duvidas. Mas os fatos reaes, insofismaveis, levaram a mais profunda decepção ao animo de todos quantos depositam confiança na ação e na consequencia do exercito proletario organisado e militante.

Salvo rarissimas eceções, não se pronunciou, no momento solene das declarações de guerra, um connato de revolta, um protesto viril entre as classes trabalhadoras, cujo sacrificio se preparava, em holocausto ás criminosas ambições dos reis do ouro e do poder.

Ao contrario: cada individuo de prestigio e de destaque nos partidos e nas associações, transformou-se, por obra magica do patriotismo, e sob o pretesto da defeza nacional, num chefe de regimento, dirigindo os operarios para a caserna, como o mandão militar que dirige soldados para o campo de batalha. Tal foi a uniformidade de propositos que em favor da guerra se manifestou nas organisações socialistas e operarias, que parece terem sido constituidas, como a guarda nacional, com o fim de marchar a passo marcial para onde o Estado Maior dos exercitos o ordenasse.

Os homens avisados e sinceros não puderam fazer-se ouvir: porque tiveram de enfrentar os demagogos, superiores em numero e em capacidade, que haviam descido das culminancias da classe burgueza, decididos a orientarem o proletariado pela luminosa senda das conveniencias sociaes; vieram domesticar os trabalhadores, e de fato, desempenharam maravilhosamente a sua tarefa.

Outro dos obstaculos que os trabalhadores conscientes encontraram no caminho da sua gloriosa campanha, foi a lei do menor esforço, para a qual os povos tendem, repudiando a ação energica e decidida quando creem na virtualidade de outros meios de luta, mais comodos, embora tenham menos probabilidade de conquista e de vitoria.

A vergonhosa atitude do proletariado no momento supremo em que tiveram inicio os acontecimentos guerreiros era o resultado de circunstancias determinantes, criadas pelos metodos de organisação e de ação, e, pelos principios ideologicos, que serviram de rumo aos escravos modernos. A onda de clandicações e desastes estava bem canalisada, e quando irrompeu furiosa e devastadora não foi possivel detel-a, como não é possivel deter as aguas de um rio, como é ridiculo opor-se á marcha da historia das infamias burguezas depois de lhe haver fornecido todos os elementos de vitalidade e de progresso.

Com efeito, de organisações cuja estrutura e orientação acabo de esboçar, sendo de fato ramificações das instituições estataes estiveram no seu elemento, defendendo cada qual o Estado de que fazia parte.

O artificio destas entidades, hierarquizadas pelas desiguaes condições de salario e pela injusta classificação do trabalho no regimen capitalista, promovendo a luta de classes e sustentando a luta do proletariado em geral contra a burguezia, e guiadas por um postulado que visa estabelecer dentro dos Estados politicos atuaes uma legislação tendente a favorecer ás classes operarias ou de profissões liberaes, segundo as suas categorias, só pode desenvolver a organisação corporativa, fracionando o operariado em organisações hostis pela diferença ou antagonismo dos seus interesses particulares a defender ou reivindicar.

Neste teor, em que as organisações não podem pensar em se emancipar, cada uma de per si, do regimen capitalista, a sua ação tem que limitar-se a conquistar algumas melhoras dentro da desordem social vigente, e cair fatalmente na politica de colaboração de classe, a bem da aquisição da maior soma de beneficios e privilegios.

Uma vez conseguido isto, mesmo relativamente, ao diabo a solidariedade com as outras classes operarias, posta que comprometa o goso das melhoras e privilegios conquistados.

Sendo estas melhoras mais ou menos ficticias alcançadas pela legislação, a lei e o Estado são elevados a categoria de deuses, salvadores, aos quaes é preciso defender contra o estrangeiro e contra os os descontentes revoltados que ficaram em condições menos favorecidas.

A psicologia destes fatos, conhecida atravez de um apurado estudo, desde as suas fontes de origem, demonstra que a força negativa do movimento operario e social, não reside, principalmente na ação dos que o desviam da sua verdadeira rota, ela encontra-se na tendencia iminente á estrutura da organização proletaria, a qual visa a defesa dos interesses de classe, segundo a profissão, e a região em que cada uma se encontra.

O congresso da Paz declara em atenção ás razões expostas:

a — Que deve ser aplicado á organização operaria o metodo cientifico, substituindo os principios politicos e nacionalistas, pelos principios da universalidade.

b — que as classes operarias se organisem, atendendo á estrutura fisica das regiões, e á facilidade dos meios de comunicação.

c — Que as fronteiras politicas, nacionaes, provinciaes, etc, não devem ser tidas em conta.

d — Nas proximidades das linhas politicas divisorias, os trabalhadores devem-se esforçar para que as suas associações ou sindicatos as ultrapassem.

e — Todos os titulos nacionalistas provincialistas ou municipalistas devem desaparecer das sociedades operarias, e o da «Associação Internacional dos Trabalhadores» deve ser substituido pelo de: «Associação Universal dos Trabalhadores.»

FLORENTINO DE CARVALHO

MEDITAÇÕES

Escreve Hume em sua *Historia Natural das Religiões:* «Existe no homem uma tendencia geral para admitir que todos os seres se lhe assemelham.»

De fato, é muito provavel que a primeira religião fosse originada pela absoluta falta de explicação para certos fenomenos da natureza.

Não é preciso se ter grande conhecimento da historia da humanidade para se chegar a esta conclusão

O homem, ao chegar a certa idade, dirige seu raciocinio de acôrdo com a educação que recebeu ou com o meio em que vive. Dahi, talvez, a explicação logica do mutuo entendimento da ciencia e da religião. Quer dizer; concebe-se que raciocinando em um circulo fechado pelas incoherencias de educação, a mentalidade humana concilie a evolução das raças com a creação do mundo por Deus.

«Atribue-se ordinariamente a origem das fabulas á imaginação ardente dos orientaes» diz Fontenelle; «por mim atribuo-a á ignorancia dos primeiros homens».

Ora, si analisarmos o desenvolvimento progressivo da intelectualidade no homem, não chegaremos á conclusão erronea de que si o progresso alcançou certas fases desse desenvolvimento, em troca, deixou nas treva outros lados, taes como o da bestialidade que se revela pela religião.

A sociedade adota como irrefutaveis certos dogmas que ha muito vêm dirijindo seu destino. Esses dogmas são o resuitado do espirito do homem primitivo em face dos fenomenos naturaes.

A menor mudança no estado das crenças dum povo tem, forçosamente, como consequencia uma seri de transformações na sua existencia.

Segundo Le Bon «as crenças religiosas teem sempre constituido o mais importante elemento da vida dos povos e por conseguinte da sua historia». Que o homem necessitasse, em tempos remotos, e para se dar conta do fundo natural das cousas, de inventar deuses á sua imagem e semelhança, é fato muito explicavel. Mas, que a geração presente, com a desculpa de que a crença é um lenitivo, um consolo, queira adotar, e o que é mais incoherente, tentar pela logica cientifica, justificar a resurreição, ou a procedencia deifica do mundo, é o que não se concebe facilmente.

«Nenhuma força póde nascer do nada» afirma Liebig

E é logico, porque á ideia de força está ligada a de materia e não é possivel que esta ao ser creada pela mão de Deus podesse se harmonisar universalmente

E' inconcebivel a conciliação destas duas ideias: materia isolada, sem força, e creação de materia.

O aglomerado de raciocinios falsos que formam, em essencia, as religiões, tende, já pela evolução natural e inevitavel, já pelo progresso da ciencia, que tudo explica, a um fim proximo e facil de prevêr.

A religião, qualquer que seja, contém em seu proprio organismo o microbio que ha de destruil-a.

E' a incoherencia

Ha cerebros, resultantes da educação, que deixam de parte as questões de filosofia religiosa. Deus é onipotente, onisciente .. onietc.. dahi as objeções tornam-se faceis Os misterios esplicam a Natureza, e põem-n'a ao alcance de qualquer inteligencia

MARIO NELSON BELEM

LAMENTAVEL

E' com verdadeira magua que vejo o curso que leva o movimento operario em Santos: com magua, digo, por ver que após dois anos de apatia, em vez de despertar para a luta despidos de todo espirito partidario, unidos por uma comunhão de interêsses, é o contrario o que atualmente se passa dentro da nascente organização: as correntes ideologicas começam por chocar-se com muita antecipação em prejuizo da propaganda organizadora. Nestes momentos tão criticos pera o desenvolvimento das associações operarias, devemos unir todos os esforços para organizar as classes, deixando de parte as rivalidades existentes entre individuos, para triunfo de nossa causa: quem o não fizer será egoista.

Não vejo razão para que digam serem um prejuizo os principios anarquicos dentro dos sindicatos, e as perseguições que procuram mover aos poucos anarquistas que existem dentro deles; os camaradas que militam atualmente dentro do florescente sindicato de oficios varios, e que querem arvorar-se em mentores, talvez ignorem as normas do sindicalismo revolucionario; isto demonstra só quererem ou cogitarem de proibir a livre expansão de pensamento nas reuniões de classes. Eu faço notar aos colegas, não só o erro em que trilham, como o prejuizo que poderá trazer este procedimento pouco recomendavel.

Carrancismo, custa-me a confessal-o, falta de senso de alguns que se julgam deuses no meio operario, e que não querem dar mais vida que ás suas iniciativas; é triste pois o curso que levam os acontecimentos no mundo operario d'esta localidade si não mudam de proceder os que hoje querem por meio da chicana impor o regimem da rolha aos que tencionam manifestar-se livremente.

Si queremos organizar as classes, devemos deixar de parte por enquanto a questão de principios, e quando tenhamos restaurada a saudosa Federação Operaria Local, discutiremos a orientação que devemos seguir: isto devemos fazer si queremos ter uma organização forte, respeitada, para emprehender a luta contra a classe capitalista, contra o sistema de salariato e contra a tirania do Estado. Si unimos os nossos esforços, em breve poderemos ver restaurada a organização; si logo no principio nos separamos, serão nulos os nossos trabalhos associativos e faremos naufragar a barca antes de a por a flutuar.

Já é tempo de terminar com o mal-entendido existente entre sindicalistas e anarquistas. O querem os sindicalistas?

Organizar os trabalhadores em agrupações profissionais, «para levar a cabo a expropriação capitalista e capacitalos para proceder a uma reorgonização social sobre um plano cumunista»: isto diz Emile Pouget.

Que queremos os anarquistas?

Educar as massas, por meio da organização, para irem ás barricadas opérar a grande transformação social em que se virá a derrubar o sistema capitalista com seus privilegios burocratas; então o sindicalismo é o braço que executa e opéra a revolução; a anarquia o fim que almejamos e pelo qual todos lutamos.

Devemos pois ser sindicalistas nos meios, anarquistas nos fins?

E' o que atualmente se discute no mundo operario. Devemos esforçar-nos por dar uma finalidade aos sindicatos operarios desde que eles se propõem a derrubar o Estado; e áquele que se diga sindicalista e só trate de melhoras imediatas, podemos dizer que não é tal, desde que o sindicalismo se propõe a transformar a sociedade sobre um plano comunista.

Entremos pois em acordo, dissipemas as nuvens que obscurecem o horisonte proletario ameaçando horrives tormentas como as que atualmente conflagram a familia operaria da Republica Argentina.

Isto proponho aos meus colegas de Santos para evitar futuros desgostos.

MANOEL PERDIGÃO

Paginas de Doutrina

SOBRE O INDIVIDUALIS

(Continuação)

Habituam-se a reservar seu altruismo exclusivamente para seus camaradas. Não percebem que *a meihor propaganda é a que dá sem contar*, que lutando para obter vantagens e liberdades para si mesmos e para os que são ainda incapazes de comprehender a audacia e o sacrificio fazem mais para a difusão de suas idéas do que recusando partilhar o magro ganho das victorias precarias.

Os interesses de partido mascaram o ideal humano e restringem o impulso dos sentimentos

Criando um partido, os christãos tendo se occupado sò em lutar pela supremacia deste partido (a igreja), abandonaram a realização de seu ideal communista.

Comprehende-se então que haja deveres: os membros do partido acham-se ligados uns aos outros por uma especie de contracto para maior proveito dos espertos (4).

O dever civico ou o dever patriotico ligam os imbecis de cada nação á autoridade de seus governos. O dever syndicalista se restingirá talvez um dia a pagar exactamente suas quotas.

Eu sei bem que os socialistas e os syndicalistas têm um ideal. Mas este ideal perde-se na pratica quotidiana.

Desdenham a ideologia para fazer politica.

O idealismo delles é mais ou menos semelhante á religião de um financeiro ou de um usurario que vae se commover ao sermão do domingo, para continuar seus pequenos ou grandes negocios durante os outros seis dias da semana.

Assemelha-se ainda ao republicanismo desta gente que arvora uma bandeira tricolor no 14 de julho para a guardar em seguida cuidadosamente no armario, ao abrigo das traças.

Este idealismo é um simples pretesto para declarações em reuniões publicas ou para phrases de manifesto, como o idealismo christão se tornou materia de sermões. Raramente o sentem na acção ou na propaganda; é prezizo ser pratico; são apenas reformistas.

Por isso é que a ideologia é necessaria para elevar os espiritos, acima da luta quotidiana, para a concepção da libertação integral da especie humana. A exaltação dos sentimentos, o desenvolvimento individual servem para libertar os homens das estreitezas de partidos e da politica estatista.

Nossa moral do prazer nos livra, a nós anarchistas, dos preconceitos impostos pelas velhas moraes de disciplina e de autoridade. Nós agimos sem nenhum constrangimento. Si agimos por outrem é porque nós encontramos nisso nosso proprio interesse, é tambem porque nisso achamos prazer.

Marc Pierrot

(1) Talvez seja muito longa a exposição aqui das razões porque os ensaios de associação operaria não podem chegar a transformar a sociedade.

Digamos somente que as mais das vezes os operarios criam uma associação não com um fim de emancipação social, mas para se livrarem de dificuldades.

Colocada no meio da concorrencia e das condições mercantis atuais, a cooperativa, para vir a se desenvolver procura tirar os lucros maiores possiveis. Muitas vezes os primeiros associados tomam auxiliares a quem exploram. Cada qual só pensa em seu proveito pessoal. Não ha nenhuma mudança social, nem moral.

Além disso, si operarios ou artifices podem associar-se nos ramos da pequena produção, para ser senhores de seu trabalho, são incapazes de atacar a grande produção. Os monopolios de fato (estradas de ferro, minas, etc.) lhes escapam; a grande industria tem-se adiantado muito e demanda muito capital.

Enfim os proprios patrões associam-se nos trusts e monopolizam assim a produção.

Só a expropriação revolucionaria poderá apoderar-se do dominio capitalista.

(2) Exemplo: o operario marceneiro Eler, que foi morto pela policia em junho de 1910, durante uma gréve. Ele tomou parte muito ativa na gréve e no entanto não era sindicado. Outróra tinha aderido a União do mobiliariario, que foi um sindicato de afinidade de ideias para a propaganda anarquista. Por isso era desprezado pelos funcionarios sindicais.

Além disso o recrutamento sindical, operado pela força e não pela propaganda, dá singulares resultados. Ninguem quer saber qual deve ser a mentalidade dos novos convertidos, quais serão sua convicção e sua força moral em caso de crise. E' uma massa de carneiros que sò póde pensar em interesses imediatos e particulares.

(3) Naturalmente não se ocupam dos consumidores; ora, como os lucros patronais não podem ser feridos em seu principio, é definitivamente a classe operaria inteira que sofre o contragolpe da elevação do preço dos produtos.

Acrecente-se a isso, que os sindicatos nunca tiveram em consideração até agora, a qualidade, nem o destino do trabalho. Um bom sindicado, por exemplo, póde muito bem cooperar na fabricação dos produtos falsificados, com tanto que seja pago conforme a tarifa sindical.

(4) O dever consiste em assegurar a força, o desenvolvimento e o triunfo do partido: donde a intolerancia e o fanatismo. O fim de um partido é apoderar-se do poder e exercel-o em seu proveito. Compreendei que o poder será detido pelos chefes deste partido.

Compreende-se que os anarquistas sejam contra todo partido e contra todo poder. Quem detem uma autoridade qualquer abusa sempre dela. «E' o espirito de mando que leva os individuos a querer a felicidade contra os outros, e não com eles».

Os insurreccionais, que querem a ditadura do proletariado não podem ser confundidos com os anarquistas.

N. da R. — A suspensão de «Na Barricada» atrapalhou a publicação deste trabalho. As notas acimas, á excepção da n. 4 se referem ao texto saido no n. 22 ao qual reportamos os leitores.

Pelos Estados

DE PERNAMBUCO

Tendo o celebre explorador e «fervoroso catolico» Joaquim Octaviano de Almeida, proprietario da fabrica de tecidos de malha, na Varzea, suburbio da capital de Pernambuco, maltratado com palavras grosseiras e com apertos de garganta a uma menina de 8 anos de idade, aprendiz da referida fabrica, so camaradas do "Sindicato Operario de Oficios Varios do Recife", resolveram publicar e distribuir um manifesto relatando ao pôvo o baixo e cobarde procedimento do tal Octaviano de Almeida e protestando contra o mesmo procedimento.

O manifesto alcançou exito, provocando comentarios de reprovação ao ato vil do capitalista Almeida, que tanto alardeia o seu «pietismo christão.»

Por distribuir o manifesto foi um operario perseguido pela policia e ameaçado de morte pelo espancador de creanças Octaviano de Almeida, que acobertado pelos seus privilegios de capitalista julga que pode bater sem protestos em uma infeliz e indefeza menina.

Outro fato de grave importancia tambem se passou na cidade de Recife.

Lançando a publicidade um manifesto anti-politico, foram os camaradas que militam na Federação de Resistencia das Classes Trabalhadoras de Pernambuco, mimoseados com um assalto policial á séde da Federação, sendo conduzidos presos os companheiros Joaquim Amado, Praxedes Claudio, Pedro Bezerra e João Jeronimo que ali se encontravam, e removido o arquivo social para a Central da Policia, onde depois de remexido, ficou em deposito.

Uma commissão de companheiros dirigiu-se ao Chefe de Policia protestando contra o assalto cometido e reclamando a entrega do arquivo, o qual foi entregue, porem com falta de um registro de associados.

Eis os ultimos acontecimentos desenrolados no Estado nortista, cujo nome encima estas linhas, e para os mesmos chamamos a atenção dos homens que se interessam pela causa da liberdade humana.

DE PELOTAS

São incansaveis os camaradas miltantes do movimento anarquista e operario da prospera cidade sul-rio-grandense.

A 27 de Novembro o Centro Feminino de Estudos Sociaes levou a efeito no Teatro 1º de Maio, um esplendido espetaculo que obedeceu ao seguinte programa: conferencia por uma companheira: «Cenas da Vida,» drama do camarada Simões Dias; «Amores em Cristo,» comedia de Z. de Almeida; ato de variedade, e «Até na Roça,» comedia ornada de musica, de S. Dias.

O programa teatral referido foi repetido num teatrinho existente no arrabalde denominado Areal, tendo agradado imenso, sendo os amadores muito aplaudidos.

PROLETARIADO

S. DE R. DOS T. EM TRAPICHES E CAFE'

Companheiros.

Como disse nos artigos precedentes, a liberdade e o bom trato não nos são doados por quem quer que seja: é sempre uma conquista imposta pelos oprimidos e mal tratados.

Foi assim que terminou a nossa gréve de 1906, com a conquista da limitação de horas de trabalho, salario minimo, preço de trabalho e o respeito de que nos tornamos crédores por parte dos nossos patrões e seus representantes.

Antes deste movimento alguem sabia quando nos levantavamos pela manhã para trabalhar e de quantas horas éra a jornada? Quem sabia quanto ganhava pelo trabalho que executava? Quem desconhece o modo por que eramos tratados e como o passamos a ser depois da gréve?

Tudo que ai fica dito foi o fruto da primeira luta em que a nossa sociedade se empenhou logo que foi constituida.

Ficou bem patente nessa memoravel jornada a independencia e altivez de todos os nossos companheiros, que recusaram toda e qualquer intervenção de estranhos; conheciam perfeitamente os trabalhadores os males que os afligiam e os remedios a aplicar para exterminal-os; empregaram como metodo de luta a ação diréta, tratando eles sós com os patrões e assim foi vencida a gréve.

No dia seguinte eram os trabalhadores de hontem tratados, senão com o respeito que merecem, ao menos com mais consideração e sabiam quantas horas trabalha-

tudos em bem desta canalha humana que lhe estraçalhava o nome e a reputação, vive inocente e despreoccupado. Mas a culpada é *ela* com seus modos livres, sua vida do grande mundo, cuidando pouco do lar, e muito menos do marido e do seu nome. Leviandades de moça. Não acreditava que fosse culpada, não. E essa... ele que viera atraido pela gloria do filho tido já como natabilidade que honrava a Bahia, e era consultado pelos colegas como uma sumindade, vir encontrar no proprio logar onde ele criára reputação a calunia e a infamia. Que baixeza! Que corrupção!

Que resolução tomar?

Não podia ficar inativo. Devia ir procurar o filho, e contar-lhe tudo, abrir-lhe os olhos, chamar-lhe a atenção para o desprestigio que lhe traziam os modos da esposa. Não; seria plantar a sizania no lar; despertar a desconfiança, era levar-lhe a infelicidade. Era melhor consultar d. Eulalia. confiar-lhe tudo. Mas que desgosto para sua velha! Não sabia que fizesse. Guardar aquela afronta? Mas isso o estrangulava; ele o estava sentindo bem. Era prezizo resolver. Alcebiades é sensato e é um homem. Tudo quanto ouvi lhe referirei. Ele que procure remedio, é negocio seu. Vou ao seu consultorio.

E partiu como cégo.

XI

—Boa tarde, meu pae. Alguma novidade? Está incomodado? Tão palido...

—Nada! Vim conversar. Está desembaraçado?

—Estou. Está vosmecê com uns ares parece que vem fazer comunicações.

—Não. Como vae Eulina?

—Creio que vae bem.

—Crês que vae bem? Não tens certeza?

—Não. Hoje não a vi ainda.

—E' exquisito.

—Nada mais natural. Quando sai, Eulina estava ainda em seus aposentos; e como não voltei a casa ainda, não sei como passa de saude.

—E isso acontece sempre?

—E' a normalidade da vida no casal. Acho agora exqisito esse interrogatorio.

—E' natural que, educado em outro meio, eu extranhe esse modo de vida.

—Pois, meu pae, se se der ao trabalho de encontrar motivos de espanto por cousas tão banaes não fará outra cousa. Tambem vosmecê preciza de uma ocupação, e esta não é das mais incomodas. Estude a vida desta grande cidade, e verá que difere enormemente da vida da capital do seu Estado. Aquilo lá é ainda muito provinciano. Mas observe e não procure ter explicações porque passará por indiscreto.

Emquanto d. Eulalia falava, Anselmo passava em revista a sala. Belos grupos de estilos diversos espalhados com arte; colunatas encimadas por estatuetas de bronze e alabastro, vasos de porcelana chineza transbordando de flores perfumosas, e finas cortinas agitadas pelo vento do mar adornavam a sala. Ricos reposteiros nas saidas com regaços artisticos, belos quadros de valor no alto, os retratos dos donos da casa e fotografias pelas paredes; aos lados, armarios envidraçados, de portas de cristal e cercaduras de bronze dourado, cheio de tetéas, porta-cartões, e um belo centro, jardineira ou cousa parecida, de prata e cristal; tudo scintilando á luz clara dos bicos Auer.

No grupo central uma moça bela e desembaraçada, de perna trançada e o sapatinho agitando as rendas das saias, examinava com sua *lorgnette* encrustada as pessoas e as cousas com ar petulante e brejeiro.

Chegára a pouco da Europa, vinha da França, de Pariz, e aqueles modos eram de importação. No vão da sacada conversavam e fumavam estudantes, e num dos cantos Alcebiades conversava com advogado de diversas companhias e emprezas, que carregava um nome ilustre muito pesado para a sua nulidade. Tinha o tipo de adido de legação, oco e vasio, dentro de uma bem talhada sobre-casaca, com a grande importancia de um monoculo que o obrigava a uma contração muscular continua deformando-lhe o rosto esgaseando-lhe o globo ocular. Era completo!

Em torno do sofá do centro tagarelavam outras moças pretenciosas no falar e no vestir. Contavam ainda os gosos das festas recentes do *quarto centenario*.

Do outro lado falava-se em modas, em fantazias de vestuario com a tecnica franceza dos armarinhos e das casas de confeções.

Elsa estava só. Anselmo foi ter com ela, e durante algum tempo a menina sustentou uma conversação espiritusa e alegre, fazendo critica e emittindo pareceres.

Anselmo pediu que tocasse alguma cousa, e ella sem muito rogo foi ao piano. O Comendador Noronha, que conversava em um grupo de capitalistas, parou e atento ouviu um belo trecho do «Schiavo» de Carlos Gomes.

Alcebiades estava irritadissimo e vexado de explicar ao seu interlocutor quem era aquela *mulatinha* tão desembaraçada e que ia ao piano sem ser convidada e, tinha o desaforo de interpretar tão bem o Carlos Gomes.

Quando Elsa terminou, os estudantes aplaudiram com entusiasmo, e um deles pediu que tocasse mais alguma cousa. Elsa acedeu e tocou um trecho da «Cavallaria Rusticana»; mas quando ia em meio teve de parar bruscamente. Alcebiades se approximára do pianno e com uma grosseria inaudita disse alto:

—Pára com esta matinada pequena. Deixa-nos conversar.

vam e quanto ganhavam; podiam fazer contas e repartir entre si indubitavelmente o fruto do trabalho de empreitada; já não eram despedidos por empregarem regras de matematica afim de saber quanto ganhavam e não se deixar ludibriar: taes foram os frutos da nossa primeira guerra com os patrões.

Desde essa memoravel batalha outras se teem realizado mas sem corresponder ás energias por nós dispendidas, pois que si nenhuma foi totalmente perdida nenhuma, tambem, foi ganha totalmente.

Como prova incontestavelmente ai estão bem patentes as diarias, os preços de trabalho, o horario e tudo mais conquistado na gréve de 1906.

E' claro que não ha efeito sem causa. Uma, dentre muitas, parece-nos ser a seguinte: companheiros que nunca tiveram horario nem salario estipulado e passaram a ser algo melhor tratados, ficaram crentes de verdade que, com taes conquistas não podiam ir além e que assim tinham equilibrado de uma vez para sempre as suas economias, segundo as exigencias da vida! Puro engano. Si em 1906 a vida custava a uma familia de 5 pessoas 6$000 diarios, hoje serão precizos 12$000 ou mais. E si ainda naquele ano, ganhavamos 6$ por que razão não ganhamos 12$ hoje em dia?

JOSE' A. DE CASTRO

(conclue no procimo numero)

Interesses da Propaganda

Estamos completamente dezorganizados. Nada sabemos do que vae por essa imensa rejião que o pirata Cabral teve a infeliz lembrança de pôr a descoberto...

Assim sendo, esforçando-nos mesmo por dar cumprimento ás deliberações, no que diz respeito á organização, da Conferencia Anarquista ultimamente realisada no Rio, rezolvemos iniciar hoje esta coluna, cujo fim principal é por em relação uns com outros, grupos e camaradas do Brazil.

A sua utilidade é manifesta. Quantas e quantas vezes, por exemplo, não terão tido alguns camaradas idéas benéficas ao ideal libertario, mas que, por falta de endereços e de informações, não puderam ser difundidas e levadas ao campo fertil da pratica?

Para conseguir, pois, o objetivo que vizamos, daqui fazemos aos nossos camaradas, (aos quaes enviamos um abraço de fraternal solidariedade), um apêlo no sentido de nos enviarem, semanal ou quinzenalmente, noticias sobre fundação e endereços de grupos; de fatos e acontecimentos das localidades em que habitarem, etc., etc., informações, enfim, que contribuam de algum modo para o dezenvolvimento dos principios altamente rejeneradores, em pról de cuja implantação empregamos as nossas energias.

Ditas estas palavras, cá ficamos á espera da boa vontade de nossos camaradas.

Mãos á obra!

Damos a seguir a relação dos grupos, no Brazil, de que temos conhecimento:

Grupo de Propaganda Anarquista, de Niteroy.

Corresp. a Mario Nelson Belem. Rua Dr. Celestino, 198. Niteroy. E. do Rio.

—

Centro Feminino Jovens Idealistas. Maria Antonia Soares. Rua da Moóca, 292 A (sobr.) S. Paulo.

—

Grupo Iconoclasta.

Viriato Veiga. Séde da Federação Operaria. Pelotas. Rio Grande do Sul.

—

Libertarios de Cascadura.

Cedio de Britto. Rua Itacoaty, 119. Cascadura. Rio.

—

Os Perseguidos.

João Placido. Rua Bernaldo Coutto, 50 A. Belem. Pará.

—

Centro Feminino de Estudos Sociaes. Amelia Gomes. Caza dos Trabalhadores. Pelotas. Rio Grande do Sul.

—

Grupo Libertario, de Ribeirão Pires. Venancio Moreira. Ribeirão Pires. S. Paulo.

Grupo Anarquista Renovação. M. Peres Tavira. Salão da Epoca. Rua Conselheiro Neves, 70. Santos. S. Paulo.

—

Centro de Propaganda Anarquista. Mario Nulson Belém Praça Tiradentes, 71. Rio.

—

Circulo Libertario. Florentino de Carvalho. Rua da Moóca, 292 A. (Sobr.) S. Paulo.

Correspondencia

Adelino de Pinho, Alfredo Vila Seca, Efren Lima, João Penteado, Lebindo Vieira, Primitivo Soares — Esperamos colaboração assidua. Vão mandando...

Correia (Pelotas) — Seguiram os 75 exemplares do n. 22. Recebeste os?

Sindicato de Oficios Varios (Recife) — Esperamos que os camaradas se interessem pela vida de «Na Barricada».

Pedro Colli (Ponta Grossa) — Recebemos a carta e os 10$ das assinaturas. O Orlando quer saber o que deve fazer dos outros 10$. O Barboza entregou-nos o teu cartão com o nome de 4 assinantes Estamos entendidos.

Samuel Pereira Barboza (Pelotas) — Recebemos a carta. Entendidos. Podes mandar o dinheiro em selos.

João Perdigão (Santos) — Recebemos a carta e o dinheiro para a rifa. Em breve seguirão os cartões.

Domingos Ferreira Pedro (Ribeirão Pires) — Recebida a carta. Estamos bastantes satisfeitos com a vossa iniciativa. Por estes dias mandaremos os cartões.

Oscar Bastião Pinto (Pelotas) — Recebemos o valor de sua assinatura por um 1 anno.

Antonio Barrera (Passagem) — Recebemos a importancia que nos enviaste em selos. Deste numero em diante passamos a mandar-te 10 exemplares.

Antonio Rolla das Pavas (Florianopolis) — Recebemos o seu cartão. A assinatura por um ano custa 5$. O envio pode ser feito em selos.

Edgard (São Paulo) — Esperamos que nos comuniques qual o numero de jornaes que podes vender. O Romero recebeu 6$ dos folhetos?

Cendon (Belo Horizonte) — Recebemos a carta. Esperamos que nos informes quantos numeros da rifa queres.

ADMINISTRAÇÃO

ENTRADAS

11 assignaturas	55$000
Subscripção entre camaradas	33$900
Venda avulsa	45$300
João Placido, por seu pacote	5$000
José Martins, por seu pacote	4$000
Antonio Barrera	2$000
Manuel Peres Tabira	3$000
N'um café	2$100
Grupo Editor	73$000
Festa do Centro Cosmopolita	14$000
Venda de postaes e alegorias	2$800
A. Corrêa, por seus pacotes	15$000
Rifa da "Historia Universal"	194$000
	449$900

SAHIDAS

Composição e impressão de dous numeros	364$000
Sellos	8$700
Cartões para a rifa	6$000
Enveloppes	5$000
Circular	24$000
	407$700

RESUMO

Entradas	449$900
Sahidas	407$700
SALDO	42$200

Grossas lagrimas correram pelos bellos olhos de Elsa e, profundamente humilhada ela saiu cambaleando para a sala de jantar.

O comendador, que não percebera a causa daquela interrupção brusca, acompanhou-o indagando solicito da causa daquele pranto.

—Uma forte vertigem, paesinho Muita dor de cabeça.

—Elsa está doente, sr. Noronha, vamo-nos embora, disse muito tremula e palida d. Eulalia que tudo ouvira.

—Eu as acompanho. Tenho que pedir desculpa a d. Elsa. Por minha causa ela se sentiu incomodada; fui eu que a levei ao piano.

Apezar das instancias reteiradas de Eulina, os velhos se retiraram cedo levando a filha.

No trajecto para a cidade, Anselmo comentava o procedimento de Alcebiades. Agora lhe aparecia em toda a hediondez o carater de amigo; até ali a amizade que lhe dedicára desde criança, o apreço ao seu talento o tinham impedido de aprecial-o bem. Sempre tomára como troças amigaveis, e motivo para conversar aquelas disparatadas e cinicas afirmativas: os negocios intimos taxava de infilicidades.

Uma outra luz se fazia agora no seu espirito. O olhar odiento com que Alcebiades fixára Elsa, aquelas palavras más e sibiladas com raiva o mostravam sob outro aspecto. Ele era máo.

Os fatos se associavam e se explicavam. Tudo se esclarecia naquela analise minuciosa dos atos de Alcebiades. Era infame! Que corrupto!

Elle, Anselmo, vivera sempre illudido; a amizade impedira-o de conhecer aquele nojo. Ele sempre vira, como na infancia, cumpridor de seus deveres, estudioso e bom: aqellas bellas impressões da infancia lhe obscureceram sempre o juizo.

X

A rua do Ouvidor estava cheia de elegantes. A temperatura agradavel dos dias de Junho convidava ao passeio. Como num salão de baile ou em uma sala de palestra passeavam ricas senhoras cobertas de sedas, ornadas de joias, e nas portas das lojas em frente aos mostradores se faziam ceremoniosas apresentações com elegantes e finas curvaturas. Insolentes monoculos, olhares insultuosos, palavras duvidosas, e audacias incriveis ciciadas quasi ao ouvido faziam corar as senhoras honestas, que tinham a infelicidade de agradar aos peralvilhos. Como deleite e como necessidade estimulante a apetites grosseiros, se contava em voz alta a vida intima de cada conhecido, avinagrando com observações canalhas o procedimento das senhoras casadas, e das moças solteiras.

Quando nada havia ao certo punha-se uma interrogação na vox e no gesto, e se a victima não tinha macula ficava-lhe pairando no dorso aquela interrogação infamante e torpe.

O comendador Noronha tomava café no Café do Rio, sentado proximo á porta, quando Eulina passou prendendo as saias com a mão esquerda e suspendendo o vestido, pondo em evidencia suas opulentas fórmas em andar cadenciado, e curvada para a frente, como era moda, forçada pelo espartilho.

O velho pagou pressuroso; sahia para comprimentar a nora que ia um tanto afastada, quando ouviu um dialogo que o fez parar.

—Com quem está agora a Noronha?

—Do dr. Alcebiades?

—Sim.

—Com o Sampson corretor.

—Como andas atrazado. O Sampson vae casar. Quasi ha escandalo. A Eulina quiz fazer o diabo, e o Sampson andou bem assustado. Mas por felicidade appareceu o dr. Julio Torres, e as cousas serenaram.

—Ah! Então o Julio Torres?... Tem sorte aquela besta com cara franzida e o monoculo que lhe parece grudado. Por isso frequenta agora tanto o marido.

—Coitado! pobre marido enganado.

—Qual enganado! Ele sabe tudo. Com o Sampson era o que se via, agora é com o Torres. Amigos intimos. Um safardana!

O pobre velho sentiu uma vertigem: uma sombra lhe turvou o olhar e ele foi forçado a encostar-se ao portal para não cahir. Como um latigo lhe feriu o rosto aquella palavra *safardana!* Ele sentiu na face o ardor da injuria. Como um zumbido continuo lhe entontecia a cabeça, e como marteladas a mesma palavra gritada, murmurada, sussurrada, ora como gritos de uma multidão, ora como um ecoar longinquo de canhão, ora como o sibilo de uma chicotada, urrava, assobiava, grunhia e uivava nos seus ouvidos—*safardana!* Não tinha bem consciencia do que aquilo significava. Foi como ebrio sentar-se de novo á mesinha do café, e recostou a face escaldante nas mãos abertas, depois voltou a si, e seu primeiro impeto foi procurar os peralvilhos que lhe enxovalhavam o nome. Miseraveis, Não os encontrou mais, nem os conhecia siquer. Voltou de novo ao café e sentou-se junto a uma meza ao fundo da sala.

—Será verdade aquilo? Perguntava a si mesmo.

Então sua nora, uma adultera. E Alcebiades? Alcebiades um condescendente! Não: não podia crer. Ele fora perverso em mocinho com a mãe de Elsa; mas era um rapazola. Seu filho não podia ser um cinico! De que lhe teriam servido então as lições de honradez que lhe dera? De que lhe teriam servido então os exemplos de moralidade com que fora educado? Não; não era possivel. Que castigo mereciam aqueles valdevinos, que não hesitavam conspurcar um nome honrado com a sua baba nojenta? Esse nome era o dele, dele Noronha. Ah! Em vez de desmaiar como mulher, deveria ter esbofeteado aqueles cães. O seu Alcebiades todo entregue aos seus deveres profissionaes, embebido nos seus es-